

Seduzidas e desonradas

Maria Lacerda de Moura



15-12-1927

Multiplicam-se, assombrosamente, as notícias de suicídios diários: moças seduzidas pelos namorados, com promessas de casamento.

Os jornais procuram fugir à responsabilidade, apontada no ruído com que tratam todos os pormenores, publicando cartas e noticiando os incidentes e particularidades das tragédias amorosas.

Mas, a imprensa á, realmente, a que cultiva e incita, a que maior culpa tem no crescendo desses atentados á própria vida.

Os jornais são feitos sob a rigidez perversa da moral burguesa-capitalista e feitos, na sua maioria, pelos homens – bem instalados na vida sob o ponto de vista sexual – e se há mulheres na redação, no jornalismo, pensam e agem também dentro da hipocrisia farisaica dessa moral fossilizada e pesada de crimes.

Pelo código desse moraliteísmo, a mulher virgem que se entrega a um homem, nada mais tem que fazer senão o suicídio, se é abandonada.

Dentro desta moral, a jovem está *desonrada*, perdida, desgraçada e tem de carregar o peso de todos os atributos que procuram inutilizar para a vida uma criatura humana.

Nunca a perversidade dos seres que se julgam racionais foi mais longe do que na concepção estreita de que a mulher (animal seguindo a evolução pela mesma escala zoológica de todos os animais, com as mesmas necessidades fisiológicas e os mesmos direitos de indivíduos na multiplicação da espécie e na liberdade sexual), nunca a maldade humana desceu tão baixo quando decretou que a mulher deve guardar a virgindade para entrega-la ao “esposo”, somente dentro da lei, em certo dia determinado pelos pais, pelo escrivão de paz e pelo padre e diante de testemunhas e convidados os quais ficam sabendo: é naquela noite que se rompe uma película de carne do seu corpo, chamada hímen. A himenolatria dos cristãos civilizados. Profundamente ridículo.

Que de humilhações tem sofrido a mulher através da historia dessa humanidade tão desumana!

E ai daquela que se esquece do protocolo. Se, hoje, não é lapidada, se não é enterrada viva como as vestais, se não é apedrejada até a morte, se não sofre os suplícios do povilêu fanático de outros tempos, inventou-se o suicídio: é obrigada a desertar da vida por si mesma, porque a literatura, a imprensa, toda gente aponta-a com o dedo, vociferando o “desgraçada”, “perdida”, “desonrada”, “desonesta”, abrindo-lhe, no caso contrario, as portas da prostituição barata das calçadas, com todo o seu cortejo de misérias, de sífilis, de bordeis, de humilhações, do hospital e da vala comum.

Miserável moral de coronéis, de covardes e cretinos! E o homem cresce com as suas aventuras, adquire prestígio, fomas e glorias até mesmo e principalmente entre o elemento feminino.

É incrível até aonde vai a imbecilidade humana, a perversidade dessa moral cristã, tão divorciada do meigo Nazareno: “quem não tiver pecado que atire a primeira pedra”.

Dentro da concepção estreita e má dessa moral de escravos e senhores, o mesmo ato praticado por dois indivíduos de sexo diferente tem significações opostas: a mulher se degrada, torna-se imoral, desonesta, desonrada, está desgraçada, perdida irremediavelmente se não encontra um homem para lhe dar o título de “esposa” perante a lei e as convenções sociais, enquanto o homem é o mesmo, talvez tendo adquirido mais valor de estimação perante as próprias mulheres, e sendo invejado pelos outros homens.

Essa moral nada difere de algumas tribos primitivas que os etnógrafos de gabinete estudam curiosidades e admiração, esquecendo-se de que nós, os civilizados, somos mais selvagens e tão primitivos quanto os

mais primitivos dentre os selvagens.

O que espanta é a atitude servil da mulher – a imbecilizada secular – a santa mente fechada para perceber a idiotice da moral cristã (em nome de Cristo quantas barbaridades se cometem!) a sua perversidade sempre que julga e condena outra mulher.

Não quer ver o seu direito de animal na escala zoológica, o dever de ser dona do seu próprio corpo e senhora da razão, da liberdade de dirigir e governar os seus impulsos, como lhe aprouver.

A educação, a rotina, a tradição, o confessorário se encarregam do que falta para fechar, num círculo de ferro, o cérebro da mulher, não deixa-lo raciocinar e perceber a tutela milenar que a tem submetida pelos preconceitos e dogmas religiosos – exclusivamente para o prazer bestial do sexo forte, que, por ser forte, é o mais bem aquinhoado na partilha do leão.

Mas, a mulher não se deixa lesar... O casamento é porta aberta para o adultério. E ela mente, engana, atraiçoa. Serve-se da astúcia e da Hipocrisia – as únicas armas de que pode dispor.

Porque, os homens vulgares, e são quase todos, preferem ser enganados...

Uma grande parte, porém, inexperiente, as mulheres moças, apaixonadas, emotivas, desiludidas recorrem ao suicídio como porta de salvação para a sua angústia. Esse crime arrebatá a vida tantas energias moças. É o resultado da moral farisaica dos cristãos piedosos e caridosos – cujo porta-voz é a imprensa, quer seja governista ou oposicionista, religiosa ou laica.

As pobres mulheres apaixonadas não chegam a raciocinar um instante sequer para compreender, para sentir que o nosso coração tem mais uma primavera, que isso a que chamam de amor pode ser renovado, que amamos mais uma vez na vida, de acordo com o temperamento ou as etapas de evolução, porque, nem todos são eleitos para chegar a realizar o grande amor...

Não perceberam que a nossas idades de ouro, aos 15 anos, os 25, os 30 e os 40 nos ensinam experiências sempre mais belas progressivamente e nos dizem coisas lindas através de ilusões do amor que, em todas as idades tem a sua perfumada estações de sonhos e de esperanças novas. E é belo e profundo saber amortilhar as ilusões...

Desfeita uma visão, outra virá, talvez, mais bela, povoar de imagens a nossa imaginação irrequieta, na escalada de uma evolução mais alta.

E, se uma experiência amorosa nos deixa o travo de amargura, é, por sua vez, degrau para subir os visos de uma ilusão maior.

Não viram que a liberdade sexual do homem é ilimitada, que ele não é considerado perdido, que se não desgraça porque usa e abusa dessa liberdade e que não é natural nem justo uma moral para cada sexo.

E a eterna tutela, o idiota milenar ainda hoje, em pleno século de tanta reivindicações femininas, se esquece da mais importante das suas reivindicações – a de ser dona do seu próprio corpo, a da sua liberdade sexual, a do ser humano com o direito á alegria de viver a vida integralmente, em toda a sua plenitude.

E suicida-se porque foi *seduzida*, porque a *desgraçaram*, porque esta perdida.

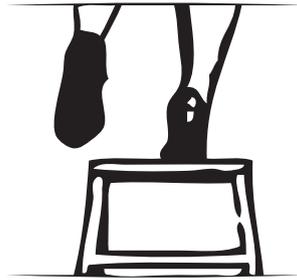
Santa ingenuidade.

Por que razão por fim á sua *vergonha*, se isso a que os jornalistas chamam de vergonha é a iniciação em a mais bela das Leis Naturais, o *abc* da Lei Maxima, a Lei do Amor, a Lei da integração de dois

seres no espasmo da Harmonia Universal?

E é desprezando as Leis Naturais, as Leis não escritas – que os homens, servindo a interesses egoístas, tão pequeninos, escrevem e legislam as suas leis de lamentável perversidade, encurralando o coração humano na jaula de ferro de uma justiça de fogo, matando e sensibilizando as criaturas na aridez de uma moral fria, sem alma, torpe, assassina de milhões de vítimas, sacrificadas no templo de Molóc dos preconceitos sociais.

Biblioteca Anarquista



Maria Lacerda de Moura
Seduzidas e desonradas
15-12-1927

Publicado no jornal O Combate, edição 4581- página 3, São Paulo, 15 de Dezembro de 1927. Extraído de <http://aesquerdalibertaria.blogspot.com/2014/05/seduzidas-e-desonradas.html#.U5EM8fldWSo> em 02-06-2020.

bibliotecaanarquista.org